

***DISCURSOS DE PATOLOGIZAÇÃO A PARTIR
DOS CONHECIMENTOS PSIS:
RECONSTRUÇÕES POR UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA***

José Alves de Souza Filho

Doutor em Psicologia (UFC)

Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA)

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9181095827118639>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8059-9196>

E-mail: josefilhoss@gmail.com

Tadeu Lucas de Lavor Filho

Doutor em Psicologia (UFC)

Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Professor do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS)

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7558385171856580>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2687-1894>

E-mail: tadeulucaslf@gmail.com

Aluísio Ferreira de Lima

Doutor em Psicologia (PUC-SP)

Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3925673395634061>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9747-4701>

E-mail: aluisiolima@ufc.br

Luciana Lobo Miranda

Doutora em Psicologia (PUC-Rio)

Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4519037978963137>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7838-8098>

E-mail: luciana.miranda@ufc.br

Artigo de Revisão

Recebido em: 09 de Agosto de 2023

Aceito em: 22 de Dezembro de 2023

RESUMO

Apresentamos uma revisão sistemática que problematizou as produções de conhecimento sobre a patologização da vida e suas relações com as ciências psis. Orientados pelo protocolo Prisma, escolhemos a plataforma Portal Periódicos Capes para levantamento, pelos descritores “patologização” And “psiquiatria”, “patologização” And “psicologia” e “patologização” And “psicopatologia”. Selecionamos artigos científicos dos últimos 10 anos, em português, inglês e espanhol, com resultado de 339 produções. Após exclusão de repetidos, leitura textual das publicações, permaneceram 31 artigos para análise. Nos resultados, predominou os escopos de Psicologia e Interdisciplinar, sendo as revistas “Interface”, “Ciência e Saúde Coletiva” e “Psicologia Escolar/educacional” com maior número de publicação. Sobre patologização, as revistas tematizam as (des)qualificações da experiência, os reducionismos das individualidades, a incidência do discurso médico e a cultura contemporânea. Das práticas psis tratou-se do diagnóstico, o controle de vida, a moralização excludente da diferença e lutas pela despatologização. Nas discussões trabalhamos os aspectos micropolíticos de produção de subjetividades típicas como caracterização prevalecente nos estudos.

Palavras-chaves: Patologização; Psicologia social; Psicologia; Psiquiatria; Psicopatologia.

DISCOURSES OF PATHOLOGIZATION BASED ON PSIS KNOWLEDGE:

RECONSTRUCTIONS BY A SYSTEMATIC REVIEW

ABSTRACT

We present a systematic review that problematized the production of knowledge about the pathologization of life and its relations with the psy sciences. Guided by the Prisma protocol, we chose the Portal Periódicos Capes for survey, by the descriptors “pathologization” and “psychiatry”, “pathologization” and “psychology” and “pathologization” and “psychopathology”. We selected publications from the last 10 years, without language restrictions and materials related to the scientific article format, resulting in 339 productions. After excluding duplicates, textual reading of the publications, 31 articles remained for analysis. In the results, the scopes of Psychology and Interdisciplinary predominated, being the magazines "Interface", "Science and Collective Health" and "School / Educational Psychology" with the most publication number. Over pathologization, the themes favored the (un) qualifications of experience, the reductionism of individualities, the incidence of medical discourse and the contemporary. The psis practices dealt with the diagnosis, the control of life, the exclusive moralization of difference and struggles for depathologization. In the discussions we worked on the micropolitical aspects of production of typical subjectivities as a prevalent characterization among the studies.

Keywords: Pathologization; Social psychology; Psychology; Psychiatry; Psychopathology.

INTRODUÇÃO

Na modernização das sociedades capitalistas, cresce a popularização de repertórios tecnológicos pela valorização de seus potenciais instrumentais e eficientes. O discurso científico ultrapassa o círculo privado de seus intelectuais e chega no cotidiano da esfera pública por suas utilidades para com os problemas cotidianos. Jürgen Habermas (2014) entende que a fusão entre ciência, enquanto conhecimento, e técnica, como razões instrumentais, está atravessada por novas formas de capitalização ideológica da eficiência, resolutividade e empreendimento.

Sobre a produção da Saúde Mental do Brasil, Lima (2010) situa os discursos *psis* (psicologia, psiquiatria e psicopatologia) chegando à vida cotidiana, produzindo um reconhecimento social que reduz as possibilidades de vidas dos indivíduos aos padrões comportamentais das categorias nosográficas psiquiátricas. Ou seja, pervertem as possibilidades de sociabilidade da pessoa reconhecida como doente mental e reduzem suas existências as perspectivas normativas do saber científico (Martins et al., 2012). Os doentes mentais são enquadrados por uma política de identidade que impõe uma autoadministração da individualidade, por meio do consumo de terapias e medicamentos. Trata-se dos discursos de patologização da vida os quais questionam as normatizações da experiência da vida cotidiana por critérios topográficos e classificatórios de comportamentos, especialmente pelo viés psicopatologizante, onde as questões existenciais são silenciadas pela ratificação da psicologia, psiquiatria (Amarante et al., 2018).

Os conhecimentos *psis* são discutidos quanto à política de administração biotecnológica da vida humana, analisa-se o quanto os processos de patologização da vida questionam as condições de (sobre)vivência e (in)existência (Furtado, 2018). Quando as crises, os dramas e os dilemas da vida humana, passaram a ser vistos pela óptica do “ajustável”, em função das explicações biológicas e farmacológicas atribuídas ao sofrimento, vista como desajuste (Dantas, 2010).

As consequências socioculturais da patologização da vida engendram diferentes campos e perspectivas de pesquisa. Temos os estudos de medicalização da vida (Oliveira, 2018) quanto a condição *sine qua non* de fármacos nos modos de existência humana (Dantas, 2014). Nos estudos de gênero, problematiza-se o (des)necessário discurso *psi* na

garantia ou exclusão de direitos sociais, sobretudo às viabilidades clínicas de redesignação sexual ou luta contra a forma de preconceito e estigmatização (Sampaio & Germano, 2017). Nos estudos de psicoterapia, quando indivíduos ora distanciam-se de suas condições existenciais, ora exigem a prestação de serviços instrumentais para seus transtornos ou psicopatologias (Dantas, 2014).

O discurso de patologização discute a produção de identidade fixas, materializadas pelas narrativas de suas experiências subjetivas desnaturalizando a micropolítica de seus cotidianos ou mesmo experiências e afetos (Lima, 2018). Entretanto, permanece frágil ou vazio quanto aos enunciados, significantes e significados que delimitem os estudos críticos da patologização da vida, sobretudo de quais são seus contornos conceituais enquanto um conhecimento produzido e produtor de conhecimento (Laclau, 1994).

Os estudos da patologização da vida requerem que problematizemos a dinâmica da sua circulação e produção enquanto conhecimento/discurso crítico, ou seja, questionar quais contextos teórico-epistemológicos e metodológicos engendram seus discursos. Trata-se dos pressupostos dos conhecimentos sobre patologização da vida que topografam a relação da produção e manutenção do adoecimento da vida pela chancela dos discursos *psis*. Ou seja, analisar quais os interesses ético-políticos que engendram as críticas à patologização da vida pela circulação dos saberes psicológicos e psiquiátricos.

Nesse artigo, discutimos a patologização da vida interpelada pelos conhecimentos psicológicos e psiquiátricos em artigos científicos publicados nos últimos dez anos (2009-2019). Problematizamos as produções de conhecimento sobre a patologização da vida, e suas relações com as ciências *psis*, mediante uma revisão sistemática. Discutimos a dinâmica implícita de seus métodos, teorias e epistemologias, problematizando os limites e contornos de visão de mundo enunciada por seus discursos.

METODOLOGIA: REVISÃO SISTEMÁTICA E RECONSTRUÇÃO

As revisões sistemáticas são pesquisas bibliográficas na caracterização dos perfis de produção de conhecimento dentro da literatura disponível para acessos em bancos ou plataformas de revistas científicas virtuais, sistematicamente delimitadas por critérios claros, específicos e objetivos de seleção de material. Privilegia-se a construção de um

itinerário onde se pode localizar as principais linhas de pesquisas, suas perspectivas metodológicas e resultados, bem como grupos e centros de sua produção e circulação. Com essa topografia, temos sínteses das principais questões, conceitos ou mesmo teorias que, em maior ou menor grau, movimentam comunidades científicas (Gomes & Caminha, 2014).

Lima e Miotto (2007) sinalizam que as revisões sistemáticas se restringem a protocolos de levantamentos e organizações de conceitos, dados e teorias na literatura. As autoras reivindicam a necessidade de atitudes críticas, sobretudo o quanto a praticidade de seus métodos esconde os perigos do reducionismo-instrumental: caminho crítico para a desnaturalização dos textos científicos pela problematização dos seus contextos de produção, implícitos em seus métodos, epistemologias e quadro teórico.

Para nosso estudo, elegemos o Portal Periódicos Capes como plataforma de busca. Segundo Costa e Zoltowski (2014), trata-se de um banco de bibliotecas/bases virtuais de revistas científicas brasileiras e estrangeiras. Para a construção do corpus de pesquisa, foi realizado dois levantamentos: na segunda quinzena de agosto de 2019 e na primeira quinzena de janeiro de 2020. A realização das duas pesquisas se deve a preocupação pela maximização na recuperação de arquivos disponíveis. Como descritores, para a busca na referida plataforma utilizamos as seguintes combinações de pares: “patologização” and “psiquiatria”, “patologização” and “psicologia” e “patologização” and “psicopatologia”. Outros critérios de inclusão utilizados foram: publicações dos últimos 10 anos, em português, inglês e espanhol e materiais relativos ao formato de artigo científico. Privilegiamos as publicações revisadas por pares em seus processos de avaliação. O resultado desse levantamento foi 339 produções.

Realizamos a primeira sessão de exclusão, a saber: artigos repetidos. Permaneceram 116 artigos. Partimos para a leitura sobre os títulos, resumos e palavras-chaves dos artigos. Segundo Sampaio e Mancini (2007), empreender essa leitura permite selecionar os trabalhos que contemplam proposta que a revisão sistemática pretende empreender. Foram realizadas as leituras por dois juízes considerando as seguintes questões: “Trata-se de um artigo?”; “Indica discutir patologização?” e “Relaciona a patologização com saberes *psis*?”. Com a referida avaliação permaneceu no corpus um montante de 33 artigos. Na leitura integral dos artigos, foram eliminadas as seguintes produções: Silva & Santos (2014) e Silva & Cantisani (2018). Sua exclusão deveu-se pelo

fato da primeira não trabalhar questões sobre patologização, algo que fora anunciado em seu resumo, e a segunda por trabalhar o processo de patologização agenciado pela prática profissional de nutricionista, sendo nosso foco relativo aos saberes *psis*. O resultado final de artigos para o presente estudo são de 31.

Tabela 1 - Corpus de publicações.

Referência	Periódico ¹	Escopo
Silva et al., (2010)	Interface: Comunicação, Saúde Educação	Interdisciplinar
Vectore et al., (2018)	Revista CES Psicología	Psicologia
Silva et al., (2016)	Psicologia Escolar e Educacional	Psicologia
Barbarini (2011)	Plural	Sociologia
Dantas et al., (2009)	Arquivos Brasileiros de Psicologia	Psicologia
Cunha et al., (2016)	Estudos de Psicologia (Campinas)	Psicologia
Vargas; Campos (2019)	Ciência & Saúde Coletiva	Saúde Coletiva
Veras; Soares (2016)	Psicologia & Sociedade	Psicologia
Fonseca; Ozella (2010)	Interface: Comunicação, Saúde Educação	Interdisciplinar
Santos (2014)	Ambivalências	Sociologia
Vicentin (2011)	Tempo Social	Sociologia
Suess (2014)	Revista de Estudios Sociales	Sociologia
Bento; Pelúcio (2012)	Estudos Feministas	Interdisciplinar
Bento (2016)	Direito e Praxis	Direito
Schneider (2010)	Ciência & Saúde Coletiva	Saúde Coletiva

¹ Consultamos no site de cada revista seu escopo de publicação. Mesmo que tenha avaliação em diferentes áreas na Plataforma Sucupira, privilegiamos o principal escopo de publicação que definem nas suas políticas editoriais.

Nunes (2012)	Interface: Comunicação, Saúde Educação	Interdisciplinar
Allevi (2017)	Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)	Interdisciplinar
Antunes et al., (2012)	Psicologia em Revista	Psicologia
Cruz et al., (2016)	Interface: Comunicação, Saúde Educação	Interdisciplinar
Teixeira; Tassa (2014)	Revista Iberoamericana de educación	Educação
Meira (2012)	Psicologia Escolar e Educacional	Psicologia
Chagas; Pedroza (2016)	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Psicologia
Viégas (2015)	Psicologia Escolar e Educacional	Psicologia
Vega (2010)	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Ninez y Juventud	Sociologia
Almeida (2013)	Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)	Interdisciplinar
Bento (2012)	Ciência & Saúde Coletiva	Saúde Coletiva
Aran et al., (2009)	Ciência & Saúde Coletiva	Saúde Coletiva
Leite Junior (2012)	Estudos Feministas	Interdisciplinar
Tagliamento; Paiva (2016)	Journal of Homosexuality	Psicologia
Corbanezi (2016)	Caderno CRH	Interdisciplinar
Aldeia (2016)	Em Pauta	Serviço social

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Vale destacar a ótica de análise das produções que pretendemos estudar. Buscamos adotar atitudes críticas nas leituras de nosso “objeto”, especialmente, quando buscamos evidenciar as suas contradições. Max Horkheimer (1980) em “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” discute o quanto as teorias estão atravessadas pelas condições históricas, pelas experiências dos indivíduos que produzem conhecimentos

sobre a sociedade. A Teoria Crítica problematiza a dinâmica de sua produção pelas condições que implicaram nas estratégias e métodos de construção dos conhecimentos, especialmente quando o cientista as estabelece a partir de mundo social no qual está inserido.

No presente estudo, pretendemos reconstruir os conhecimentos científicos sobre a patologização da vida pelos saberes *psis* enquanto discursos produzidos dentro das práticas de pesquisa, as quais intercambiam os interesses de seus produtores e práticas sociais cotidianas. Reconstruir, enquanto atitude crítica, pretende “refletir sobre as regras que têm sido supostas para que seja possível construir a própria compreensão do sentido e mesmo do não sentido do que é construído social e simbolicamente” (Nobre, 201, p. 8). Reconstrução, enquanto operador de leitura e das discussões de nossa revisão sistemática, é o empreendimento de crítica social do conhecimento humano desenvolvido por Jürgen Habermas em sua Teoria Crítica da Sociedade. “*Reconstrução*, em nosso contexto, significa que é uma atitude de pesquisa onde uma teoria é decomposta e recomposta em uma nova forma para que possa atingir o fim que ela mesma se pôs” (Habermas, 2016, p. 25).

De forma a tornar possível a reconstrução crítica dos discursos de patologização da vida pelos saberes *psis* foram realizados os seguintes procedimentos. Sobre os artigos foi desenvolvida uma leitura minuciosa de seus conteúdos. Fizemos um fichamento de cada artigo procurando selecionar os enunciados mais pertinentes para a discussão que pretendemos desenvolver. Lima e Mioto (2007) sugerem que o fichamento seja desenvolvido por duas abordagens: seletiva, na extração de citações diretas com conteúdos explícitos pertinentes a nossa pesquisa, e interpretativa, com a construção de citações indireta que substancializem indícios implícitos que possam atinar para o nosso interesse.

Trabalhamos os fichamentos em dois momentos. Inicialmente, em “Resultados”, descrevemos um perfil das produções, desde informações sobre periódicos e ano com maior publicação, autores brasileiros e estrangeiros. Tratamos também as informações objetivas, a saber: conceituações diretas e indiretas de patologização da vida, sua relação com os conhecimentos *psis*, perspectivas teórico-epistemológicas, ferramentas/estratégias de pesquisa e, por último, campo/interlocutores de pesquisa. Posteriormente, em “Discussão”, trabalhamos os resultados levantados, ultrapassando a

objetividade do texto para discutir as dinâmicas de contextos dos conhecimentos. Privilegiamos criticar quais os interesses que delineiam e fomentam a construção dos estudos, confrontando as epistemologias e metodologias, com intuito de analisar as implicações práticas/práxis que se voltam para a desnaturalização do cotidiano da vida humana.

RESULTADOS

O perfil de publicação

Em 22 revistas foram publicados os trabalhos referentes ao nosso estudo: “Interface: Comunicação Saúde Educação” e “Ciência & Saúde Coletiva”, com 4 artigos; “Psicologia Escolar Educacional” com 3 artigos; “Estudos Feministas”, com 2 trabalhos; as demais revistas tendo somente um artigo. Dos escopos das revistas temos 9 de Psicologia, de Interdisciplinar, 5 de Sociologia e uma para Saúde Coletiva, Direito, Educação e Serviço Social. Temos 28 brasileiras, 2 colombianas, 1 espanhola e 1 estadunidense, com as 29 produções escritas em português, 1 em inglês e espanhol.

As pesquisas empíricas foram reportadas em 13 trabalhos. As discussões teóricas foram trabalhadas em 18 artigos. Das orientações teóricas e/ou epistemológicas identificadas, os estudos pós-estruturalistas nortearam as discussões de 13 trabalhos. Os estudos de Gênero orientam 5 trabalhos, já Psicologia Histórico-Cultural orienta 2 trabalhos e as perspectivas da Etnografia, Fenomenologia, Marxismo, Psicanálise e do Pensamento Complexo tiveram uma produção cada. Vale destacar que 4 artigos trabalharam a patologização da vida sem uma definição/filiação teórico-epistemológica.

Quanto à análise dos componentes metodológicos, as ferramentas/recursos de pesquisa, o recurso bibliográfico esteve com 12 delineamentos metodológicos. A estratégia das entrevistas compôs 9 artigos, enquanto 7 lidaram com documentos. A observação-participante esteve presente de 5 trabalhos. Referente aos Campos temáticos/Interlocutores de pesquisa, tivemos 13 discussões relativas às questões de saúde, 8 discussões de gênero e 7 de educação. Já estudos sobre cultura contemporânea, trabalho, infância foram tematizados em 2 trabalhos cada. Quanto a Assistência Social, normativas do Conselho Federal de Psicologia, história da psiquiatria e instituições de acolhimento foram trabalhadas em um artigo cada.

Contornos temáticos da Patologização

Destacamos os processos de (des)qualificação das experiências humanas, práticas moralizantes que desprestigiam e/ou excluem comportamentos anormais ou a-morais às custas de enquadrá-los pelas nosografias diagnósticas. As publicações apontam o público LGBTQ+ como principais alvos de qualificações pejorativas, como o “homossexualismo” ou “monstruosidades”, ou mesmo quando pessoas *trans* negociam seus direitos pelas (não) adoção de diagnósticos psiquiátricos (Vega, 2010; Aldeia, 2016; Leite Júnior, 2012; Bento, 2012; Bento & Pelúcio, 2012; Suess, 2014; Santos, 2014). Nos processos de medicalização, comportamentos infantis são inflacionados por uma depreciação patológica visando, pelo uso da medicação, favorecer a adaptação a disciplinar escolar (Teixeira, 2014). Já os adolescentes internos em instituições são diagnosticados com estratégias de contenção de rebeliões ou mesmo como camuflagem das violências que cotidianamente são vítimas (Vicentin, 2011).

Próximo a (des)qualificação, temos diferentes perspectivas de críticas ao reducionismo de uma atitude explicativa-causal as causas e manutenções das patologias. Com práticas ou uso dos diagnósticos, as práticas patologizantes restringem-se a localizar nos indivíduos as causas que deflagram e mantém os quadros patológicos, especialmente por responsabilizá-lo por sua condição (Cunha et al., 2016). Temos desde as qualificações biologizantes (Barbarini, 2011), pelos qual se justifica a cura e adoecimento pelo funcionamento anatomofisiológico; as críticas as leituras psicologistas sobre a condição particular e cognitiva do sofrimento e adoecimento (Schneider, 2010; Vega, 2010); até a denúncia ao diagnóstico de incompetências socioemocionais, enquanto causas das ineficiências de adaptação aos contextos de trabalho (Corbanezi, 2018; Antunes et al., 2012).

Outro núcleo temático dos trabalhos de crítica à patologização refere-se à função técnico-cognitivo do discurso médico-psicológico. Referimo-nos importância utilitarista de conceituar e explicar fenômeno e comportamentos anormais, ou mesmo, categorizar e padronizar os indivíduos dentro das necessidades institucionais (Silva, 2016; Bento, 2016; Cruz et al., 2016; Meira, 2012; Viégas, 2015). Ainda nessa esteira, refere-se à ressignificação de fenômeno cotidianos, como luto, pela capilarização do discurso médico no cotidiano (Silva et al., 2010; Vera & Soares, 2016; Nunes, 2012; Chagas & Pedroza, 2016).

Como último conjunto temático, os estudos situam como a patologização da vida encontra-se atrelada a diferentes modos de socialização da cultura contemporânea. Precisamente, aparece nas novas formas de regulação da saúde-doença, pela cultura preventiva e profilática do adoecimento na hipervalorização do estilo de vida saudável (Vectore et al., 2018; Fonseca & Ozella, 2010; Schneider, 2010). Temos a condição técnica da patologização na produção de modos de vida pautados na impessoalidade, onde os indivíduos organizam-se pela reprodução funcional dos costumes, sem a preocupação com a autoria de suas escolhas pessoais (Dantas et al., 2016). Por fim, temos os estudos que defendem e reivindicam pela luta contra manutenção e persistência de patologização da identidade LGBTQ+ (Almeida & Murta, 2013; Tagliamente et al., 2016).

Práticas/Efeitos dos Conhecimentos Psis

Quantos aos conhecimentos *psis*, os mesmos são alvos de críticas específicas que abordam sobre práticas e/ou efeitos que produzem e administração a patologização da vida. Predominantemente, a disseminação do diagnóstico aparece como principal meio por onde os saberes *psis* incidem nas subjetividades, ao conceituar e normatizar as experiências humanas pela prévia gramática psiquiátrica, ou mesmo pelas explicações estáticas de um funcionamento psicológico (Barbarini, 2011; Vicentin, 2011; Bento, 2016). Nessa esteira, a prática diagnóstica é constantemente reivindicada como um conhecimento necessário por outros campos de saber/atuação, como a educação. Assim, percebe-se quanto da necessidade de diagnóstico, sejam pela prevenção quanto pela identificação de transtornos mentais, é demanda por instituições escolares para mediar suas relações com crianças e adolescentes (Silva et al., 2010; Silva et al., 2016; Cruz et al., 2016). Também abordam o quanto os diagnósticos são práticas de formas de produção de uma impessoalidade humana. Atrelado ao consumismo e individualismo, os indivíduos vivem uma rarefação de suas experiências (Arán et al., 2009; Corbanezi, 2018; Dantas et al., 2009; Vera & Soares, 2016).

Por outro lado, temos também pelos conhecimentos *psis*, tanto pelas suas práticas quanto pelos seus efeitos, formas de controle que incidem no cotidiano. Especificamente, estamos falando quando os discursos *psis* criam normas, quando estilo de vida e padrões comportamentais ideais as quais operam como limites da saúde, sexualidade e outras experiências (Chagas & Pedroza, 2016; Viégas, 2015; Bento, 2012). Para a efetivação do

controle, os conhecimentos *psis* operam atributos morais sobre os fenômenos da realidade por reducionismos, como biologicismo, individualismo, os quais funcionam como padrões de vida socialmente reconhecidos como válidos e verdadeiros (Schneider, 2010; Nunes, 2012; Allevi, 2017). Dessa forma, os discursos psicológicos operam formas de prescrição/regulação de como os indivíduos conseguem ou não se adaptar e justar-se socialmente (Vectore et al., 2018; Antunes et al., 20120).

Outra especificidade dos conhecimentos *psis* refere-se as suas práticas imbuídas de moralizações excludentes. Refere-se a situações onde, pela prática clínica de psiquiatras e/ou psicólogos, os seus discursos e diagnósticos operam definições morais sobre os comportamentos individuais, situando suas ditas anormalidades de maneira a desqualifica-la. Concomitantemente, alguns trabalhos denunciam a necessidade de práticas de isolamento físico ou social de minorias, como doentes, LGBTQ, crianças, adolescentes e mulheres (Fonseca & Ozella, 2010; Suess, 2014; Vega, 2010; Leite Junior, 2012; Tagliamento & Paiva, 2016).

Destaca-se, também, as reivindicações dentro e fora dos círculos acadêmicos pela despatologização da vida. Trata-se da luta política das identidades *trans* sintonizadas com campanhas internacionais, como “A campanha *Stop Trans Pathologization*” ou mesmo críticas a necessidade da chancela do diagnóstico para a garantia do processo de redesignação sexual dentro do SUS (Bento, Pelúcio, 2012; Almeida, 2013). Dentro dos estudos em educação, reivindica-se a importância da psicologia no processo de desnaturalização da patologização dos processos escolares, especialmente quando psicólogos podem mediar a reflexão crítica por parte dos atores escolares sobre suas ações e escolhas (Meira, 2012).

DISCUSSÃO

Com base no que já fora detalhada a partir dos fichamentos das publicações de nossa revisão, convém problematizar o contexto de produção dos discursos que se sustentam na construção de conhecimentos críticos da patologização da vida. Especificamente, na presente discussões pretendemos (re)construir, pelo levantamento acima, a dinâmica dos enunciados que dão contornos e formas as críticas a patologização da vida.

A princípio, sobre os periódicos nos quais as publicações ganharam visibilidade. Dos artigos que analisamos, as revistas com escopo de psicologia e interdisciplinar apresentaram o maior número de publicação, com nove e oito artigos respectivamente. Por outro lado, quanto os periódicos de maior publicação, a Revista Ciência & Saúde Coletiva, a única da saúde coletiva, e a Revista Interface: Comunicação Saúde Educação, interdisciplinar, publicaram 4 artigos, seguida da Revista Psicologia Escolar/educacional com 3 trabalhos.

Por essa reconstrução, podemos inferir duas proposições. A primeira refere-se multidisciplinaridade dos interessados na crítica a patologização da vida agenciada pelos saberes psicológicos. Além do considerável número de publicações (9) em revistas de Psicologia, algo previsto tendo em vista os próprios descritores, vale destacar oito artigos em revistas interdisciplinar, e os quatro artigos publicados na única revista com escopo de saúde coletiva. A segunda, refere-se que todas as revistas, mesmo com escopos distintos, possuem políticas, filiadas diretamente ou indiretamente, aos campos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, e quanto a revista de Saúde Coletiva publica trabalhos que fogem da perspectiva biomédica.

Por esse contexto multidisciplinar, a partir dos contornos temáticos especificados, percebemos o quanto predomina crítica que abordam a reprodução de sentidos a partir da pragmática dos saberes *psis*. Privilegia-se situar a patologização enquanto agenciamento do empobrecimento das experiências humanas. Trata-se de positivar a crítica da construção de tipos de subjetividade, que são constantemente permeadas pelas modulações de significados, restando ao indivíduo uma condição passiva de adaptação. As práticas psicológicas, e seus respectivos poderes, agem como vetores de regulação das lógicas institucionais onde, a moralização, controle da vida e delimitação da saúde/doença transcendem a uma autonomia dos indivíduos. Cabe os mesmos, alinharem-se submissamente aos padrões institucionais pelo sutil poder de convencimento de que o discurso médico-psiquiátrico tem ao transmitir a verdade.

Há críticas que se aproximam das discussões pós-estruturalista dos modos de subjetivação de atravessamento das relações de poder, na positivação de subjetividades, como a docilização dos corpos e biopoder/biopolítica, como também das análises da psicologia histórico-cultural das mediações institucionais na construção de individualidades/identidades. Tanto pelas perspectivas metodológicas, empíricas quanto

documentais, buscam analisar as práticas micropolíticas do cotidiano, privilegiando narrativas, sejam orais ou escritas, que evidenciem a dinâmica dos conhecimentos *psis* e suas consequências patologizantes na vida dos indivíduos. Dessa forma, prevalece nos trabalhos discussões que privilegiem a patologização em produção de subjetividade mediada pela lógica institucional e pelas quais espera-se e prescreve-se que os indivíduos se adaptem.

Importante destacar que os trabalhos situam a patologização enquanto uma demanda dos atores institucionais, tanto os agentes como profissionais e técnicos como submetidos, como adolescentes, crianças doentes, dentre outros. Os trabalhos referem-se a demanda de profissionais de recorrer a gramática psicológica como via conceitual-compreensiva para mediar e orientar o trato com crianças, adolescentes, trabalhadores, pelos quais os indivíduos se reconhecem enquanto normais, saudáveis e ajustados quando modulam suas subjetividades às expectativas técnico-científicas dos atores institucionais. Os estudos históricos e discussões sobre cultura contemporânea também dirigem suas críticas para os sentidos (in)disponíveis à experiência humana, nas quais indicariam a condições autonomia, responsabilidade e autenticidade de cada individualidade.

Logo, salvaguarda as diferenças descritas nos resultados, podemos situar o interesse comum dos trabalhos sobre patologização pela análise crítica das práticas, gramáticas e enquadramentos *psis* enquanto modos de subjetivação, materializado nas relações de poder de profissionais, técnicos, instituições e valores sobre as experiências individuais. Aponta-se o quanto a micropolítica demanda práticas patologizantes para a manutenção das suas estratégias e relações de poder, especialmente por seu poder de significação das individualidades. Além da conversão da vida cotidiana em adoecimento, os estudos trouxeram o processo de empobrecimento existencial pela desqualificação das experiências da vida frente a necessidade de eficiência técnico-cognitiva, prescrições do diagnóstico ou explicações psicológicas tornam-se as vias de reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos a construção e manutenção de discursos sobre a patologização da vida ancorados pela reconstrução dos discursos *psis*, no cerne do reconhecimento da vida humana cotidiana em seus mais abrangentes sentidos. Os textos selecionados nos possibilitaram colocar em suspensão a disseminação do conhecimento e a reprodução de

práticas discursivas onde as topografias patologizantes *psis* administram diagnósticos que circunscrevem modos estáticos de vida.

Em nossa revisão ainda, em grande parte nos estudos com centralidade do conhecimento psi, se colocaram como textos argumentativos que privilegiam a experiência como objeto de análise e que neste cenário mediante os diagnósticos nosográficos são vetores que creditam e desqualificam modos de vida em detrimento de identidades estereotipadas. Com isso, o modelo causal e binário de normal e patológico são constantemente retomados como objetos de análise crítica dos estudos de patologização da vida, especialmente à desnaturalização os atravessamentos das categorizações patológicas presentes nos manuais e protocolos distinguidos e operados nos saberes *psis*.

Logo, prevalece nas discussões dos artigos analisados os sistemas de exclusão, reconhecimento perverso e controle de condutas ditadas entre a paradigma representacional da normalidade e do desvio como armaduras que ao longo da história naturalizou em práticas e lógicas institucionais patologizantes. Esse conhecimento *psi* ganhou status de gramática de uma política de subjetivação engendrada no diagnóstico e na necessidade de uma cura.

REFERÊNCIAS

ALDEIA, João. Vontade de simplificação: agir no fenómeno dos sem-abrigo. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 14, n. 37, 2016.

ALLEVI, José Ignacio. La creación clínica de normas sexuales. Nosología, patologización y contramodelos sexuales en la Penitenciaría Nacional de Buenos Aires (Argentina, 1901-1904). **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 26, p. 126-147, 2017. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.26.07.a>

ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflections on the possibility of de patologizing transsexuality and the need for comprehensive health care for transsexuals in Brazil. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 14, p. 380-407, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200017>

AMANCIO CRUZ, Murilo Galvao; OKAMOTO, Mary Yoko; FERRAZZA, Daniele de Andrade. Attention Deficit/Hyperactivity Disorder case (ADHD) and the medicalization of education: an analysis from parents and teachers' reports. **Interface-comunicacao Saude Educacao**, v. 33, p. 703-714, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200006>

ANTUNES, Bruna Meurer; CARLOTTO, Mary Sandra; STREY, Marlene Neves. Mulher e trabalho: visibilizando o tecido e a trama que engendram o assédio moral. **Psicologia em Revista**, v. 18, n. 3, p. 420-445, 2012. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n3p420>

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, v. 14, p. 1141-1149, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400020>

BENTO, Berenice. Disforia de gênero: geopolítica de uma categoria psiquiátrica. **Revista direito e práxis**, v. 7, n. 15, p. 496-536, 2016. <https://doi.org/10.12957/dep.2016.25170>

BENTO, Berenice. Sexuality and trans experiences: from the hospital to the bedroom. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 2655-2664, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001000015>

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Depathologization of the genre: the politicization of abject identities. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 569, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200017>

CHAGAS, Julia Chamusca; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Patologização e medicalização da educação superior. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne28>

CORBANEZI, Elton. DEPRESSIVE DISORDERS AND CONTEMPORARY CAPITALISM. **Caderno CRH**, v. 31, p. 335-353, 2018. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792018000200011>

COSTA, A. B., ZOLTOWSKI, A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In S. H. Koller, M. C. P. de Paula Couto & J. V. Hohendorff (Orgs.). **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Penso, p. 55-70, 2014.

CUNHA, Eliseu de Oliveira et al. A queixa escolar sob a ótica de diferentes atores: análise da dinâmica de sua produção. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 33, p. 237-245, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200006>

DANTAS, Jurema Barros. **Tecnificação de vida: uma discussão sobre o fenômeno da medicalização na sociedade contemporânea**. 2010. 166 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. <http://www.bdt.uerj.br/handle/1/15205>

DANTAS, Jurema Barros. **Angústia e existência na contemporaneidade**. Editora Rubio, 2011.

DANTAS, Jurema Barros; DE SÁ, Roberto Novaes; CARRETEIRO, Teresa Cristina OC. A patologização da angústia no mundo contemporâneo. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 61, n. 2, p. 1-9, 2009.

DE ANDRADE BARBARINI, Tatiana. A medicalização da vida e os mecanismos de controle: reflexões sobre o Tdah. **Plural**, v. 18, n. 1, p. 93-116, 2011. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2011.74523>

DE LA VEGA, Eduardo. Piskanálise e política: Patologização da infância em situação de pobreza na Argentina. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 67-86, 2010.

NUNES, Monica de Oliveira. Intersecções antropológicas na saúde mental: dos regimes de verdade naturalistas a espessura biopsicossociocultural do adoecimento mental. **Interface: Comunicação Saúde Educação**, v. 16, n. 43, p. 903-917, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000045>

SANTOS, Yvisson Gomes dos. As Homossexualidades e a Psicologia: um estudo foucaultiano sobre o desejo homoerótico amparado na resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia. **Revista Ambivalências**, v. 2, n. 3, p. 136-152, 2014. <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v2n3p136-152>

FILARDI, Agnes Fonseca Ribeiro et al. Medicalização da vida nas práticas vinculadas à estratégia saúde da família. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 24, p. 421-445, 2021. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n2p421.10>

FONSECA, Débora Cristina; OZELLA, Sérgio. The conceptualizations of adolescence constructed by professionals within the Family Health Strategy (FHS). **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, p. 411-424, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200014>

FURTADO, M. Regulação biotecnológica do sofrimento e evicção do sujeito: efeitos sobre a condição humana. In: AMARANTE, P.; PITTA, AMF; OLIVEIRA, WF. (Org.). **Patologização e medicalização da vida: epistemologia e política**. São Paulo: Zagodoni, 2018.

GOMES, Isabelle Sena; DE OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitan. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, v. 20, n.1, p. 395-411, 2014. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.41542>

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. trad. Denílson Luís Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HORKHEIMER, Max, THEODOR, Wil. **Textos escolhidos (Os pensadores)**. 5. ed. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1991.

LACLAU, Ernesto. Why empty signifiers matter to politics? In: WEEKS, J. (org.) **The lesser evil and the greater good: the theory and politics of social diversity**. London: River Oram Press, 1994.

LEITE JUNIOR, Jorge. Transit to where?: monstrosity,(des) pathologization, social insecurity and transgender identities. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 559-568, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200016>

LIMA, Aluísio Ferreira de. Coisas frágeis: metamorfose, alteridades e reconhecimento na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: LIMA, A. F., et al. (Org.). **Sujeito e Subjetividades Contemporâneas: estudos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC**. Fortaleza: Edições UFC, 2018, pp. 26-60.

LIMA, Aluísio Ferreira de. Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social crítica**. 2010. p. 376-376.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

MARTINS, Ana Kristia da Silva; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza; LIMA, Aluísio Ferreira de; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Identidades fetichizadas e a fala do especialista: reflexões sobre a convocação do psicólogo para a legitimação de (id)entidades "doentes". **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 4, n. 9, p. 126-146, 2012.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. For a critique of medicalization in education. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, p. 136-142, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100014>

NOBRE, Marcos; REPA, Luiz. **Habermas e a reconstrução: sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana**. Papirus Editora, 2020.

OLIVEIRA, W. F. Medicalização da vida: reflexões sobre sua produção cultural. In: AMARANTE, P.; PITTA, A. M. F.; OLIVEIRA, W. F. (Org.). **Patologização e medicalização da vida: epistemologia e política**. São Paulo: Zagodoni, 2018. p. 11-15.

SAMPAIO, Juliana Vieira; GERMANO, Idilva Maria Pires. "Tudo e sempre de muito!": produção de saúde entre travestis e transexuais. **Revista Estudo Feministas**, v. 25, n. 2, p. 453-473, 2017. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p453>

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, p. 83-89, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-3552007000100013>

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. The horizon of rationality about drug dependency in health services: implications to the treatments. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 687, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000300011>

SILVA, Barbara Leone; CANTISANI, Jacobina Rivas. Interfaces between fatphobia and the professionalization in nutrition: an essential debate. **Demetra: Food, Nutrition &**

Health/Alimentação, Nutrição & Saúde, v. 13, n. 2, 2018.
<https://doi.org/10.12957/demetra.2018.33311>

SILVA, Bruno de Brito; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Apoio y soporte social en la identidad social de travestís, transexuales y transgéneros. **Revista da SPAGESP**, v. 15, n. 2, p. 27-44, 2014. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000200004&lng=pt&tlng=pt.

SILVA, Carla Cilene Baptista da; MOLERO, Elaine Soares da Silva; ROMAN, Marcelo Domingues. A Interface entre Saúde e Educação: percepções de educadores sobre educação inclusiva. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, p. 109-115, 2016. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150201934>

SILVA, Felipe Gonçalves et al. Crítica e reconstrução em Direito e democracia. NOBRE, M.; REPA, L. **Habermas e a reconstrução**: sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana. Campinas: Papyrus, p. 135-167, 2012.

SILVA, Rosane Neves da et al. " Anormais escolares": a psiquiatria para além dos hospitais psiquiátricos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, p. 401-410, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200013>

SUESS, Amets. Cuestionamiento de dinámicas de patologización y exclusión discursiva desde perspectivas trans e intersex. **Revista de Estudios Sociales**, n. 49, p. 128-143, 2014. [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2014000200011&lng=en&tlng=.](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2014000200011&lng=en&tlng=)

TAGLIAMENTO, Grazielle; PAIVA, Vera. Trans-specific health care: challenges in the context of new policies for transgender people. **Journal of Homosexuality**, v. 63, n. 11, p. 1556-1572, 2016.

TEIXEIRA, Denize Aparecida; EL TASSA, Khaled Omar Mohamad. Miro y veo: la interdisciplinaridad superando retos de la patologización. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 66, p. 31-44, 2014. <https://doi.org/10.35362/rie660376>

VARGAS, Annabelle de Fatima Modesto; CAMPOS, Mauro Macedo. A trajetória das políticas de saúde mental e de álcool e outras drogas no século XX. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 3, p. 1041-1051, 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018243.34492016>

VECTORE, Celia et al. "He was budgeted but not planned!": childhood in the contemporary world. **CES Psicología**, v. 11, n. 2, p. 37-52, 2018. <https://doi.org/10.21615/cesp.11.2.4>

VERAS, Lana; SOARES, Jorge Coelho. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, p. 226-236, 2016. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p226>

VICENTIN, Maria Cristina G. Corpos em rebelião e o sofrimento-resistência: adolescentes em conflito com a lei. **Tempo Social**, v. 23, n. 1, p. 97-113, São Paulo, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702011000100005>

VIÉGAS, Lygia de Sousa. Progressão Continuada e Patologização da Educação: um debate necessário. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, p. 153-161, 2015. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191815>

COMO CITAR

SOUZA FILHO, José Alves de.; LAVOR FILHO, Tadeu Lucas de.; LIMA, Aluísio Ferreira de.; MIRANDA, Luciana Lobo. Discursos de patologização a partir dos conhecimentos psis: reconstruções por uma revisão sistemática. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v.6, n.3, p. 493-512, 2023.